

## RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Tradução: Magda Lopes; revisão técnica e apresentação: Maria Lígia Coelho Prado. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998. 444 p.

*Heliane Prudente Nunes\**

A produção historiográfica brasileira sobre o tema escravidão africana tem nos últimos anos se ampliado consideravelmente, não só em números de trabalhos, como na diversidade de novos enfoques e novos debates. Faltava, porém, uma análise em profundidade, sobre a situação dos negros depois da abolição.

Esta contribuição está sendo oferecida à historiografia brasileira por um historiador brasileiro, George Reid Andrews, Professor do Departamento de História da Universidade de Pittsburgh (EUA).

Sobre a situação dos negros depois da abolição temos a referência clássica: *A inserção do negro na sociedade de classes* de Florestan Fernandes e recentemente o livro de Hebe de Castro, *Das cores do silêncio*, um estudo do significado da liberdade recém-alcançada pelos escravos do norte fluminense.

Dessa maneira, o livro de Reid Andrews explora um campo ainda pouco pesquisado. Observa-se nesse trabalho denso composto de 444 páginas, consultas a uma vasta quantidade de fontes documentais de arquivos locais, nacionais e de uma pesquisa minuciosa à vasta historiografia ligada ao assunto, como o levantamento de 362 publicações sendo que, deste total, 201 foram escritas por historiadores norte-americanos. Tais números traduzem a importância dessa temática para

---

\* Professora do departamento de História da UFG. Doutora em História Econômica pela USP em 1996.

os pesquisadores brasilianistas e a importância dessa contribuição para a construção da historiografia brasileira.

Reid Andrews constrói o seu trabalho dialogando especialmente com dois sociólogos brasileiros: Gilberto Freyre e Florestan Fernandes.

O autor discorda frontalmente da tese da democracia racial defendida por Freyre. Enfatizando os níveis relativamente baixos de preconceito racial entre os colonos portugueses no Brasil e a escassez de mulheres européias na colônia, Freyre argumenta que o Brasil proporcionou o ambiente ideal para a mistura racial entre os senhores europeus e as escravas africanas. O resultado dessa mistura foi uma ampla miscigenação, acompanhada por uma “união harmoniosa” de negros e brancos. Tal união levaria o Brasil ao encontro de uma plena democracia racial.

A tese defendida por Florestan Fernandes também atacou o “mito” da democracia racial de Freyre, revelando a realidade da desigualdade e da discriminação racial no Brasil. Para Florestan a escravidão foi um sistema inerentemente aristocrático que implantou o preconceito e um forte senso de superioridade racial na sociedade brasileira e despojou completamente o negro da capacidade de competir com os brancos na disputa por empregos, educação e sustento no século XX.

Nessa disputa pela participação no mercado de trabalho, Florestan afirma que os negros não conseguiram se integrar à sociedade brasileira, não devido à discriminação, mas por causa do analfabetismo, da desnutrição, da criminalidade, que foram suas heranças da escravidão.

A esse respeito Reid Andrews afirma que Florestan negligenciou, em sua análise, as decisões políticas tomadas pelos governantes, principalmente após a abolição com a implantação de uma política de financiamento à mão-de-obra do imigrante europeu.

Reid Andrews busca documentos para explicar alguns padrões básicos da desigualdade racial que tem existido no Brasil desde a abolição da escravidão até 1988, e explica como e por que esses padrões têm se desenvolvido no correr do tempo. Ao tentar explicar esse processo, o autor inclui as vinculações da história das relações e desigualdades com padrões mais amplos de desenvolvimento econômico, social e político. Destaca a importância da política e o Estado na história, em um esforço para mostrar como os desenvolvimentos na esfera política ajudaram a

determinar o curso das relações raciais entre negros e brancos. Destaca alguns momentos cruciais na história brasileira como: a abolição, a implantação da República, a imigração estrangeira, as greves operárias, a revolução de 1930, o golpe militar de 1964.

O trabalho de Reid Andrews é construído também numa perspectiva regional, optando pelo Estado de São Paulo. Justifica esse corte espacial pelo fato de que das várias regiões do Brasil, São Paulo tem sido a mais afetada pela industrialização, urbanização e desenvolvimento de um capitalismo moderno. Assim, São Paulo é o exemplo claro de como os padrões das relações raciais herdados do regime da escravidão reagiram às pressões da modernização.

A estrutura do livro está dividida em três partes.

Na primeira parte: “Trabalhadores”, após uma exaustiva pesquisa documental, coloca, de maneira original, as relações de competição no mercado de trabalho entre negros libertos e imigrantes recém-chegados, mostrando como o Estado privilegia estes últimos e fecha aos negros possibilidades concretas de inserção no mercado. Mostra como o Estado, representante da oligarquia cafeeira paulista, adota uma política de subsídios que favorece claramente os imigrantes, impedindo os negros de disputarem em termos de igualdade de oportunidades os melhores lugares do mercado, primeiro nas fazendas e, posteriormente, nas cidades.

Na segunda parte: “A Classe Média” refere-se à formação de classe média negra, sobre a qual havia muito poucas pesquisas anteriormente realizadas. Reid compara, mais uma vez, as poucas oportunidades e as dificuldades de ascensão dos negros, em relação à maioria branca. Esta fica com os melhores empregos, deixando aos negros os lugares menos cobiçados e mais mal pagos. Nesse sentido mostra que nas fazendas mais produtivas a preferência era sempre pela mão-de-obra branca européia; com relação às áreas de crise de produção a opção é pelo trabalho do ex-escravo que se conforma com os baixos salários. Nas cidades a economia urbana cria mecanismos de barrar o trabalho dos negros nas fábricas. Os artesãos negros desaparecem por completo das cidades, e as oportunidades de trabalho se restringem ao serviço doméstico e ao setor informal.

Discute ainda as formas de organizações sociais e políticas dos negros desde o período republicano, mostrando como eles não estiveram passivos diante das discriminações sofridas pela sociedade dos brancos,

mas criando soluções para os problemas sofridos diante do preconceito. É importante o destaque da atuação da imprensa negra, das irmandades religiosas, dos grupos de carnaval, dos clubes de futebol e de depoimentos de figuras ilustres do mundo artístico como Milton Nascimento, Zezé Mota e tantos outros.

Diante dessas formas de organização política dos movimentos negros o autor mostra que historicamente tem havido por parte da sociedade brasileira uma resistência à mudança e à inovação.

Na terceira parte: “Presente, Futuro”, o autor apresenta uma perspectiva bastante controversa para o futuro dos movimentos negros no Brasil, apontando os Estados Unidos como o modelo de política de relações sociais.

Mostra como as avaliações otimistas de Gilberto Freyre e Florestan Fernandes sobre a conquista das relações democráticas raciais brasileiras estão longe de serem realidades. Apresenta dados atuais da caótica situação social da grande maioria da população brasileira, concentrada nas grandes metrópoles e enfatiza que a população negra tem a maior proporção nos dados de miséria, criminalidade, prostituição, crianças abandonadas etc.

É interessante o autor colocar que um dos obstáculos adicionais à construção da democracia racial no Brasil é a esperança de milhões de afro-brasileiros no “branqueamento” como um veículo de mobilidade social, o que dificulta em confrontar ou questionar o racismo.

Ao concluir, o autor não apresenta boas expectativas em relação ao futuro quanto à superação das desigualdades raciais no Brasil. Como o Brasil valorizou durante tanto tempo o mito da democracia racial, acredita que não estaria disposto a renunciar a este título diante da imagem internacional. O autor propõe que ao se repensar a teoria de democracia racial no Brasil, o mito seja substituído pela “realidade”.

Por fim, o livro de Reid Andrews é inestimável, não somente para os historiadores do Brasil, mas para qualquer pessoa que queira conhecer a dinâmica da raça nas sociedades em mutação.